

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

O B R A S

DE

GIL VICENTE,

CORRECTAS E EMENDADAS

PELO CUIDADO E DILIGENCIA

DE

J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.

TOMO PRIMEIRO.



HAMBURGO

NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE LANGHOFF.

1834.

F I G U R A S.

ANJO — Arrais do Ceo.	FRADE.
DIABO — Arrais do Inferno.	BRIZIDA VAZ — Alcoviteira.
COMPANHEIRO do Diabo.	JUDEU.
FIDALGO.	CORREGEDOR.
ONZENEIRO.	PROCURADOR.
PARVO.	ENFORCADO.
SAPATEIRO.	QUATRO CAVALLEIROS.

Representa-se na obra seguinte hũa perfiguração sobre a rigorosa accusação, que os inimigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E por tractar desta materia põe o Autor por figura que no dito momento ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estão dous batéis: hum delles passa pera a Gloria, outra pera o Purgatorio. He repartida em tres partes; s. de cada embarcação hũa scena. Esta primeira he da viagem do Inferno.

Estu perfiguração se escreve neste primeiro livro nas obras de devação, porque a segunda e terceira parte forão representadas na capella; mas esta primeira foi representada de camara, pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, estando enferma do mal de que falleceu, na era do Senhor de 1517.

AUTO DA BARCA DO INFERNO.

DIABO.

Á barca, á barca, hou lá,
Que temos gentil maré.
Ora venho a caro a ré:
Feito, feito, bem está.
Vae alli muitieramá,
E atesa aquelle palanco,
E despeja aquelle banco,
Pera a gente que virá.

Á barca, á barca, hu!
Asinha, que se quer ir.
Oh que tempo de partir!
Louvores a Berzebu.
Ora sus, que fazes tu?
Despeja todo esse leito.

COM. Em honora, logo he feito.

DIA. Abaixa aramá esse cu.

Faze aquella poja lesta,
E alija aquella driça.

COM. Ó caça, ó ciça.

DIA. Oh que caravella esta!

Põe bandeiras, que he festa;
Verga alta, áncora a pique.
Ó precioso Dom Anrique!
Ca vindes vós? que cousa he esta?

FIDALGO.

Esta barca onde vai ora,
Qu'assim está apercebida?

DIA. Vai pera a Ilha perdida,
E ha de partir logo essora.

FID. Pera lá vai a senhora?

DIA. Senhor, a vosso serviço.

FID. Parece-me isso cortiço.

DIA. Porque vêdes lá de fóra.

FIDALGO.

Porém a que terra passais?

DIA. Pera o Inferno, senhor.

FID. Terra he bem sem sabor.

DIA. Que! e tambem ca zombais?

FID. E passageiros achais

Pera tal habitação?

DIA. Vejo-vos eu em feição

Pera ir ao nosso cais.

FIDALGO.

Parece-te a ti assi.

DIA. Em que esperais ter guarida?

FID. Que deixo na outra vida

Quem reze sempre por mi.

DIA. Quem reze sempre por ti?

Hi hi hi hi hi hi hi.

E tu viveste a teu prazer,

Cuidando ca guarecer,

Porque rézão lá por ti?

Embarca, ou embarcae,

Qu'havéis d'ir á derradeira.

Mandae metter a cadeira,

Qu'assi passou vosso pae.

FID. Que, que, que! e assi lhe vai?

DIA. Vai ou vem, embarcae prestes:

Segundo lá escolheste,

Assi ca vos contentae.

Pois que ja a morte passastes,

Haveis de passar o rio.

FID. Não ha aqui outro navio?

DIA. Não, senhor, qu'este fretastes,

E ja quando espirastes,

Me tinheis dado signal.

FID. Que signal foi esse tal?

DIA. Do que vós vos contentastes.

FIDALGO.

A est'outra barca me vou.

Hou da barca! pera onde is?

Ah barqueiros, não m'ouvis?

Respondei-me. Hou lá, hou!

Pardeos, aviado estou:

Cant'a isto he ja peor.

Que gericocins, salvanor!

Cuidão ca que sou eu grou!

ANJO.

Que mandais? **FID.** Que me digais,

Pois parti tão sem aviso,

Se a barca do Paraizo

He esta em que navegaís.

ANJ. Esta he; que lhe buscais?

FID. Que me leixeis embarcar:

Sou fidalgo de solar,

He bem que me recolhais.

ANJO.

Não se embarca tyrannia

Neste batel divinal.

FRD. Não sei porque haveis por mal
Qu'entre minha senhoria.

ANJ. Pera vossa fantasia
Mui pequena he esta barca.

FRD. Pera senhor de tal marca
Não ha hi mais cortezia?
Venha a prancha e o atavio;
Levae-me desta ribeira.

ANJ. Não vindes vós de maneira
Pera entrar neste navio.
Ess'outro vai mais vazio,
A cadeira entrará,
E o rabo caberá,
E todo vosso senhorio.

Ireis lá mais espaçoso,
Vós e vossa senhoria,
Contando da tyrannia,
De que ereis tão curioso.
E porque de generoso
Desprezastes os pequenos;
Achar-vos-heis tanto menos,
Quanto mais fostes fumoso.

DIABO.

Á barca, á barca, senhores!
Oh que maré tão de prata!
Hum ventosinho que mata,
E valentes remadores.
"Vos me veniredes á la mano,
"Á la mano me veniredes;
"Y vos veredes
"Peixes nas redes."

FIDALGO.

Ao Inferno todavia!
Inferno ha hi pera mi?
Oh triste! que em quanto vivi,
Nunca cri que o hi havia;
Tive que era fantasia;
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado,
E não vi que me perdia.

Venha essa prancha, e veremos
Esta barca de tristura.

DIA. Embarque vossa doçura,
Que ca nos entenderemos.
Tomareis hum par de remos,
Veremos como remais;
E chegando ao nosso cais,
Nós vos desembarcaremos.

FIDALGO.

Mas esperae-me aqui;
Tornarei á outra vida
Ver minha dama querida,
Que se quer matar por mi.

DIA. Que se quer matar por ti?

FID. Isto bem certo o sei eu.

DIA. Ó namorado sandeu,
O maior que nunca vi!

FIDALGO.

Era tanto seu querer,
Que m'escrevia mil dias.

DIA. Quantas mentiras que lias,
E tu morto de prazer!

FID. Pera que he escarnecer,

Que não havia mais no bem?

DIA. Assim vivas tu amen,
Como te tinha querer.

FIDALGO.

Isto quanto o que eu conheço.

DIA. Pois estando tu spirando,
Se estava ella requebrando
Com outro de menos preço.

FID. Dá-me licença, te peço,
Que va ver minha mulher.

DIA. E ella por não te ver
Despenhar-s'ha d'hum cabeçaço.

Quanto ella hoje rezou
Autre seus gritos e gritas,
Foi dar glórias infinitas
A quem na desabafou.

FID. Cant'a ella bem chorou.

DIA. E não ha hi chôro d'alegria?

FID. E as lástimas que dizia!

DIA. Sua mãe lh'as ensinou.

Entrae, meu senhor, entrae;
Venha a prancha, ponde o pé.

FID. Entremos, pois que assi he.

DIA. Ora agora descansae,
Passeae e suspirae,
Em tanto virá mais gente.

FID. Ó barca, como es ardente!
Maldito quem em ti vai!

DIABO. (ao moço da cadeira.)

Tu, seu moço, vae-te d'hi,
Que a cadeira ca sobeja;
Cousa que estava na igreja

Não s'ha de embarcar aqui.

Ca lh'a darão de márfi,

Marchetada de dolores,

Com taes modos de labores,

Qu'estara fóra de si.

Á barca, á barca, boa gente,

Que queremos dar á vela:

Chegar a ella, chegar a ella.

Chega hum Onzeneiro, e diz:

ONZ. Oh que barca tão valente!

Pera onde caminhaes?

DIA. Oh que ma ora venhais,

Onzeneiro meu parente!

Como tardastes vós tanto?

ONZ. Mais quizera eu tardar;

Na safra do apanhar

Me deu Saturno quebranto.

DIA. Ora muito m'eu espanto

Não vos livrar o dinheiro.

ONZ. Nem tansoes para o barqueiro,

Não me deixarão nem tanto.

DIABO.

Ora entrae, entrae aqui.

ONZ. Não hei eu hi de embarcar.

DIA. Oh que gentil requear,

E que cousa pera mi!

ONZ. Ind'agora falleci,

Deixae-me buscar batel.

DIA. Pezar de Jam Pimentel!

Porque não irás aqui?

ONZENEIRO.

E pera onde he a viagem?

DIA. Pera onde tu has d'ir,
Estamos para partir:
Não cures de mais linguagem.

ONZ. Mas pera onde he a passagem?

DIA. Pera a infernal comarca.

ONZ. Dixe, não m'embarco eu nessa barca;
Est'outra tem a vantagem.

(Vai-se á barca do Anjo.)

Hou da barca, hou lá, hou!

Haveis logo de partir?

ANJ. E onde queres tu ir?

ONZ. Eu pera o Paraizo vou.

ANJ. Pois cant'eu bem fóra estou

De te levar pera lá:

Ess'outra te levará;

Vae pera quem t'enganou.

ONZENEIRO.

Porque? **ANJ.** Porqu'esse bolção

Tomára todo o navio.

ONZ. Juro a Deos que vai vazio.

ANJ. Não ja no teu coração.

ONZ. Lá me ficão de rondão

Vinte e seis milhões n'hũa arca.

DIA. Pois que onzena tanto abarca,

Não lhe deis embarcação.

(Torna ao Diabo.)

Hou lá, hou demo barqueiro,

Sabeis vós no que me fundo?

Quero lá tornar ao mundo,

E trazer o meu dinheiro,

Qu'aquell'outro marinheiro,

Porque me ve vir sem nada,

Dá-me tanta borregada,
Como arrais lá do Barreiro.

DIABO.

Entra, entra, e remarás;
Não percamos mais maré.

ONZ. Todavia... DIA. Por fôrça he:

Que te pês, ca entrarás;

Irás servir Satanaz,

Pois que sempre t'ajudou.

ONZ. Oh triste! quem me cegou!

DIA. Cal'-te, que ca chorarás.

ONZENEIRO. (Entrando no batel, diz ao Fidalgo.)

Sancta Joanna de Valdez!

Ca he Vossa Senhoria?

FID. Dá ó demo a cortezia.

DIA. Ouvis? fallae vós cortez.

Vós, fidalgo, cuidareis

Que estais em vossa pousada?

Dar-vos-hei tanta pancada

C'hum remo, que arrenegueis.

Vem hum Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:

PARVO.

Hou daquella! DIA. Quem he? PAR. Eu soo.

He esta naviarra vossa?

DIA. De quem? PAR. Dos tolos. DIA. Vossa;

Entrae. PAR. De pulo, ou de voo?

Oh pezar de meu avô!

Soma vim adoecer,

E fui ma ora morrer,

E nella pera mi so.

DIABO.

De que morreste? PAR. De que?

Samica de caganeira.

DIA. De que? PAR. De caga merdeira.

Ma rabugem que te dê!

DIA. Entra, e põe aqui o pé.

PAR. Hou lá, não tombe o zambuco.

DIA. Entra, tolaço eunuco,
Que se nos vai a maré.

PARVO.

Aguardae, aguardae, hou lá,

E onde havemos nós d'ir ter?

DIA. Ao porto de Lucifer.

PAR. Como? DIA. Ó Inferno. Entra ca.

PAR. Ó Inferno ieramá.

Hio hio, barca do cornudo,

Beiçudo, beiçudo,

Rachador d'alverca, huhá!

Sapateiro de Landosa,

Antrecosto de carrapato,

Sapato, sapato,

Filho da grande aleivosa;

Tua mulher he tinhosa,

E ha de parir hum sapo,

Chentado no guardanapo,

Neto da cagarrinhosa.

Furta cebolas, hio, hio,

Excommungado nas igrejas,

Burrela cornudo sejam.

Toma o pão que te cahio,

A mulher que te fugio

Pera a Ilha da Madeira.

Ratinho da Giesteira,

O demo que te pario.

Hio, hio, lanço-te hũa pulha
De pica náquella.
Hio, hio, caga na vela,
Cabeça de grulha,
Perna de cigarra velha,
Pelourinho da Pampulha,
Rabo de forno de telha.

(Chegando á Barca da Gloria diz:)

Hou da barca! ANJ. Tu que queres?

PAR. Quereis-me passar alem?

ANJ. Quem es tu? PAR. Não sou ninguém.

ANJ. Tu passarás, se quizeres.

Porque em todos teus fazeres,

Per malicia não erraste;

Tua simpreza t'abaste

Pera gozar dos prazeres.

Espera em tanto per hi,

Veremos se vem alguém

Merecedor de tal bem,

Que deva d'entrar aqui.

*Vem hum Sapateiro carregado de fórmas, e diz na
Barca do Inferno:*

SAPATEIRO.

Hou da barca! DIA. Quem vem hi?

Sancto sapateiro honrado,

Como vens tão carregado!

SAP. Mandarão-me vir assi.

Mas pera onde he a viagem?

DIA. Pera a terra dos damnados.

SAP. E os que morrem confessados

Onde tem sua passagem?

DIA. Não cures de mais linguagem,

Qu'esta he tua barca — esta.

SAP. Renegaria eu da festa,
E da barca, e da barcagem.
Como pod'rá isso ser,
Confessado e commungado?

DIA. Tu morreste excommungado,
E não no quizeste dizer:
Esperavas de viver,
Calaste dez mil enganoso.
Tu roubaste, bem trinta annos,
O povo com teu mister.
Embarca-te, eramá para ti;
Qu'ha ja muito que t'espero.

SAP. Digo-te que re-não quero.

DIA. Digo-te que si, re-si.

SAP. Quantas missas eu ouvi
Não m'hão ellas de prestar?

DIA. Ouvir missa, então roubar,
He caminho pera aqui.

SAPATEIRO.

E as offertas que darão,
E as horas dos finados?

DIA. E os dinheiros mal levados,
Que foi da satisfação?

SAP. Oh não praza ó cordavão,
Nem á puta da badana,
S'he esta boa tranquitana,
Em que se ve Jan'Antão.

Ora juro a Deos qu'he graça. (Vai á Barca do Paraizo.)

Hou da sancta caravella,
Podereis levar-me nella?

ANJ. A cárrega te embaraça.

SAP. Não ha mercê que me Deos faça?
Isto hi xiquer irá.

ANJ. Essa barca que lá está,
Leva quem rouba de praça.
Oh ahnas embaraçadas!

SAP. Ora eu me maravilho
Haverdes por gran peguillo
Quatro forminhas cagadas,
Que podem bem ir chantadas
No cantinho desse leito.

ANJ. Se tu vieras direito,
Ellas forão ca scusadas.

SAPATEIRO.

Assi que determinais
Que va cozer ao Inferno?

ANJ. Escripto estás no caderno
Das eimentas infernaes.

SAP. Pois, diabos, que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo,
E levae-me áquelle fogo:
Pera qu'he aguardar mais?

*Entra hum Frade com hũa Moça pela mão, e vem
dansando, fazendo a baixa com a boca, e acabando, diz o*

DIABO.

Que he isso, Padre? que vai lá?

FRA. *Deo gratias!* Sam cortezão.

DIA. Sabeis tambem o tordião?

FRA. He mal que m'esquecerá.

DIA. Essa dama ha de entrar ca?

FRA. Não sei onde embarcarei.

DIA. Ella he vossa? FRA. Não sei;
Por minha a trago eu ca.

DIABO.

E não vos punhão lá grossa,
Nesse convento sagrado?

FRA. Assi fui bem açoutado.

DIA. Que cousa tão preciosa!
Entrae, Padre reverendo.

FRA. Pera onde levais gente?

DIA. Pera aquelle fogo ardente,
Que não temeste vivendo.

FRADE.

Juro a Deos que não t'entendo:
E este hábito me não val?

DIA. Gentil padre mundanal,
A Berzebu vos commendo.

FRA. Corpo de Deos consagrado!
Pola fé de Jesu Christo,
Qu'eu não posso entender isto:
Eu hei de ser condemnado?

Hum padre tão namorado,
E tanto dado á virtude!
Assi Deos me dê saude,
Que estou maravilhado.

DIA. Não façamos mais detença;
Embarcae, e partiremos;
Tomareis hum par de remos.

FRA. Não ficou isso n'avença.

DIABO.

Pois dada está ja a sentença.

FRA. Pardeos, essa seria ella!
Não vai em tal caravella
Minha senhora Florença.
Como! por ser namorado,

E folgar c'hũa mulher,
Se ha de hum frade de perder,
Com tanto psalmo rezado?

DIABO.

Ora estás bem aviado.

FRA. Mas estás bem corregido.

DIA. Dovoto padre e marido,
Haveis de ser ca pingado.

FRA. Mantenha Deos esta c'roa!

DIA. Ó padre Frei Capacete!
Cuidei que tinheis barrete.

FRA. Sabei que fui da pessoa.

Esta espada he roloa,
E este broquel rolão.

DIA. Dê vossa Reverencia lição
D'esgrima, que he cousa boa.

FRA. Que me praz, dêmos caçada. (esgrime)

Então logo hum contra sus,
Hum fendente, ora sus:
Esta he a primeira levada.

Alevantae a espada;
Mettei o diabo na cruz,
Como o eu agora puz.
Sahi c'o a espada rasgada,
E que fique anteparada.
Talho largo, hum revés;
E logo colhêr os pés,
Que todo o al não he nada.

Quando o recolher se tarda,
O ferir não he prudente.
Eia, sus, mui largamente,
Cortae na segunda guarda.

Guarde-me Deos d'espingarda,
Ou de varão denodado;
Mas aqui estou guardado,
Como a palha na albarda.
Saio com meia espada.

Hou lá, guardar as queixadas.

DIA. Oh que valentes levadas!

FRA. Inda isto não he nada:

Dênos outra vez caçada.
Contra sus, ora hum fendente;
E cortando largamente,
Eis aqui a sexta guarda.

Daqui se sai com hũa guia,
E hum revés da primeira:
Esta he a quinta verdadeira.
Oh quantos daqui fería!
Padre que tal aprendia,
No inferno ha de haver pingos?
Ah! não praza a San Domingos
Com tanta descortezia.

Prosigamos nossa historia,
Não façamos mais detença.
Dae ca a mão, Senhora Florença,
Vamos á barca da Gloria.

(Chega á Barca da Gloria.)

Deo gratias! Ha ca logar
Pera minha Reverença?
E a Senhora Florença
Polo meu ha lá d'entrar.

PARVO.

Andar muitieramá:
Furtaste esse trinchão, frade?

FRA. Senhora, dá-me a vontade,
Que este feito mal está.
Vamos onde havemos d'ir.
Praza a Deos co'a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira,
Senão emfun concrudir.

DIABO.

Padre, haveis logo de vir.

FRA. Si, tomae-me lá Florença,
E cumpramos a sentença:
Ordenemos de partir.

Vem hũa Alcoviteira, per nome Brizida Vaz, e chegando á Barca do Inferno, diz:

BRIZIDA.

Hou da barca, hou lá!

DIA. Quem me chama? BRI. Brizida Vaz.

DIA. Eia, aguarda-me, rapaz:

Porque não vem ella já?

COM. Diz que não ha de vir ca,
Sem Joanna de Valdeis.

DIA. Entrae vós, e remareis.

BRI. Não quero eu entrar lá.

DIABO.

Que saboroso arrecear!

BRI. Não he essa barca a que eu cato.

DIA. E trazeis vós muito fato?

BRI. O que me convem levar.

DIA. Qu'he o que haveis d'embarcar?

BRI. Seiscentos virgos postiços,
E tres arcas de feitiços,
Que não podem mais levar.
Tres almarios de mentir,

E cinco cofres d'enleios,
 E alguns furtos alheios,
 Assi em joias de vestir,
 Guarda-roupa d'encobrir:
 Enfim casa movediça,
 Hum estrado de cortiça,
 Com dez cochins d'embair.

A mor cárrega que he,
 Essas moças que vendia;
 D'aquesta mercadoria
 Trago eu muita á bofé.

DIA. Ora ponde aqui o pé.

BRI. Hui! eu vou par'ó Paraizo.

DIA. E quem te disse a ti isso?

BRI. Lá hei d'ir desta maré.

Eu sou hũa mártel tal,
 Açoutes tenho eu levados,
 E tormentos supportados,
 Que ninguem me foi igual.
 S'eu fosse ao fogo infernal,
 Lá iria todo o mundo.
 A est'outra barca ca em fundo
 Me vou, que he mais real.

(Chegando á Barca da Gloria, diz ao Anjo.)

Barqueiro, mano, meus olhos,
 Prancha a Brizida Vaz.

ANJ. Eu não sei quem te ca traz.

BRI. Peço-vo-lo de gíolhos.

Cuidais que trago piolhos,
 Anjo de Deos, minha rosa?
 Eu sou Brizida a preciosa,
 Que dava as moças ós mólhos;

A que criava as meninas
Pera os conegos da Sé.
Passae-me por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas:
Que eu sou apostolada,
Angelada, e martelada,
E fiz obras mui divinas.

Sancta Ursula não converteo
Tantas cachopas, como eu;
Todas salvas polo meu,
Que nenhũa se perdeo:
E prouve áquelle do ceo,
Que todas achárão dono.
Cuidais que dormia eu somno?
Nem ponta; e não se perdeo.

ANJO.

Ora vae lá embarcar,
Não m'estês importunando.

BRI. Pois estou-vos allegando
O porque m'haveis de levar.

ANJ. Não cures d'importunar,
Que não podes ir aqui.

BRI. E que ma ora eu servi,
Pois não m'ha d'aproveitar!

Hou barqueiro da ma ora,
Ponde a prancha, que eis me vou;
E tal fada me fadou,
Que pareço mal ca fóra.

DIA. Ora ençrae, minha senhora,
E sereis bem recebida.

Se vivestes sancta vida,

Vós o sentireis agora.

Vem hum Judeu com hum bode ás costas, e diz ao Diabo:

JUDEU.

Que vai lá, hou marinheiro?

DIA. Oh que ma ora vieste!

JUD. Cuja he esta barca que preste?

DIA. Esta barca he do barqueiro.

JUD. Passae-me por meu dinheiro.

DIA. E esse bode ha ca de vir?

JUD. O bode tambem ha d'ir.

DIA. Oh que honrado passageiro!

JUDEU.

Sem bode, como irei lá?

DIA. Pois eu não passo ca cabrões.

JUD. Eis aqui quatro tostões,

E mais se vos pagará:

Por vida de Sema Fará,

Que me passeis o cabrão.

Quereis mais outro tostão?

DIA. Nem tu não has de vir ca.

JUDEU.

Porque não irá o Judeu

Onde vai Brizida Vaz?

Ao Senhor Meirinho apraz? (ao Fidalgo.)

Senhor Meirinho, irei eu?

DIA. E ao fidalgo quem lhe deu

O mando deste batel?

JUD. Corregedor, coronel,

Castigae este sandeu.

Azará, pedra meuda,

Lodo, chanto, fogo, lenha,
Caganeira que te venha,
Ma currença que t'acuda.
Por el Deu que te sacuda
Com a beca nos focinhos.
Fazes burla dos meirinhos?
Dize, filho da cornuda.

PARVO.

Furtaste a chiba, cabrão?
Pareceis-me vós a mim
Carrapato d'Alcoutim,
Enxertado em camarão.

DIA. Judeu, lá te levarão,
Porque hão d'ir descarregados.

PAR. E s'elle mijou nos finados
No adro de San Gião!
E comia a carne da panella
No dia de nosso Senhor;
E mais elle, salvanor,
Cada vez mija náquella.

DIA. Ora sus, dêmos á vela.
Vós Judeu, ireis á toa,
Que sois mui ruim pessoa.
Levae o cabrão na trella.

Vem hum Corregedor, e diz, chegando á Barca do Inferno:

CORREGEDOR.

Hou da barca! DIA. Que quereis?

COR. Está aqui o Senhor Juiz.

DIA. Ó amador de perdiz,
Quantos feitos que trazeis!

COR. No meu ar conhecereis

Qu'elles não vem de meu geito.

DIA. Como vai lá o direito?

COR. Nestes feitos o vereis.

DIABO.

Ora pois, entrae, veremos

Que diz hi nesse papel.

COR. E onde vai o batel?

DIA. No Inferno vos poremos.

COR. Como! á terra dos Demos

Ha de ir hum Corregedor?

DIA. Sancto descorregedor,

Embarcae, e remaremos.

Ora entrae, pois que viestes.

COR. *Non est de regula juris*, não.

DIA. *Ita, ita*, dae ca a mão,

Remareis hum remo destes.

Fazei conta que nascestes

Pera nosso companheiro.

Que fazes tu, barzoneiro?

Faze-lhe essa prancha prestes.

CORREGEDOR.

Oh renego da viagem,

E de quem m'ha de levar!

Ha aqui meirinho do mar?

DIA. Não ha ca tal costumagem.

COR. Não entendo esta barcagem,

Nem *hoc non potest esse*.

DIA. Se ora vos parecesse

Que não sei mais que linguagem.

Entrae, entrae, Corregedor.

COR. Hou, *videtis qui petatis?*

Super jure majestatis

Tem vosso mando vigor?

DIA. Quando ereis ouvidor,
Nonne accipistis rapina?
Pois ireis pela bolina
Onde nossa mercê for.

Oh que isca esse papel,
Pera hum fogo qu'eu sei!

COR. *Domine, memento mei!*

DIA. *Non est tempus*, bacharel;
Imbarquemini in batel,
Quia judicastis malitia.

COR. *Semper ego in justitia*
Feci, e bem por nivel.

DIABO.

E as peitas dos Judeus,
Que vossa mulher levava?

COR. Isso eu não no tomava,
Erão lá percalços seus:
Non sunt peccatus meus,
Peccavit uxor mea.

DIA. *Et vobis quoque cum ea;*
Nemo timuistis Deus.

A largo modo *acquiristis*
Sanguinis laboratorum,
Ignorantes peccatorum,
Ut quid eos non audistis.

COR. Vós, arrais, *nonne legistis*
Que o dar quebra os penedos?
Os direitos estão quedos,
Si aliquid tradidistis.

DIABO.

Ora entrae nos negros fados,

Ireis ao lago dos cães,
E vereis os escrivães
Como estão tão prosperados.

COR. E na terra dos damnados
Estão os Evangelistas?

DIA. Os mestres das burlas vistas
Lá estão bem fragoados.

*Vem hum Procurador, e diz o Corregedor, quan-
do o ve:*

CORREGEDOR.

Ó Senhor Procurador!

PRO. Bejo-vo-las mãos, Juiz.
Que diz esse arrais? que diz?

DIA. Que sereis bom remador.
Entrae, bacharel doutor,
E ireis dando á bomba.

PRO. E este barqueiro zomba?
Joga taes de zombador?
Essa gente que hi 'stá,
Pera onde a levais?

DIA. Pera as penas infernaes.

PRO. Dixe, não vou pera lá;
Outro navio está ca,
Muito melhor assombrado.

DIA. Ora estais bem aviado:
Entrae muitieramá.

CORREGEDOR.

Confessastes-vos, doutor?

PRO. Bacharel sou. Dou-me ó demo!
Não cuidei que era extremo,
Nem de morte minha dor.
E vós, Senhor Corregedor?

COR. Eu mui bem me confessei;
Mas tudo quanto roubei
Encubri ao confessor.

Porque, se o não tornais,
Não vos querem absolver;
E he mui mau de volver,
Depois que o apanhais.

DIA. Pois porque não embarcais?

COR. *Quia esperamus in Deo.*

DIA. *Imbarquemini in barco meo;*
Para que *speratis* mais?

(Vão-se á barca da Gloria.)

CORREGEDOR.

Hou arrais dos gloriosos,
Passae-nos nesse batel.

ANJ. Oh pragas pera papel,
Pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos,
Sendo filhos da sciencia!

COR. Oh! *habeatis* clemencia,
E passae-nos como vossos.

PARVO.

Hou homens dos breviairos,
Rapinastis coelhorum,
Et pernis perdigotorum,
E mijais nos campanairos.

COR. Anjos, não sejas contrairos,
Pois não temos outra ponte.

PAR. *Beleguntis ubi sunt,*
Ego latinus macairos.

ANJO.

A justiça divinal

Vos manda vir carregados,
Porque vades embarcados
Nesse batel infernal.

COR. Oh! não praza a San Marçal
Co'a ribeira nem c'o rio!
Cuidão lá que he desvario
Haver ca tamanho mal.

Venha a negra prancha ca;
Vamos ver este segredo.

PRO. Diz hum texto do Decreto....

DIA. Entrae, que ca se dirá.

(Entraão no batel dos damnados, e diz o Corregedor a Brizida Vaz:)

COR. Esteis muito aramá,
Senhora Brizida Vaz.

BRI. Ja siquer estou em paz,
Que não me leixaveis lá.
Cada hora encoroçada,
Justiça que manda fazer.

COR. I-vos tornar a tecer,
E urdir outra meada.

BRI. Dizede, juiz d'alçada,
Vem ja Pero de Lisboa?
Leva-lo-hemos á toa,
E irá desta barcada.

Vem hum Enforcado, e diz o

DIABO.

Venhais embora, Enforcado.
Que diz lá Garcia Moniz?

ENF. Eu vos direi que elle diz
Que fui bem aventurado;
Que polos furtos que eu fiz,
Sou sancto canonizado;

Pois morri dependurado,
Como o tordo na buiz.

DIABO.

Entra ca, e remarás
Até ás portas do Inferno.

ENF. Não he essa a nao qu'eu govérno.

DIA. Entra, que inda caberas.

ENF. Pezar de San Barrabaz!

Se Garcia Moniz diz
Que os que morrem como eu fiz,
São livres de Satanaz!

E disse que a Deos prouvera
Que fôra elle o enforcado,
E que fosse Deos louvado,
Que em bo'hora eu nascêra;
E que o Senhor m'escolhêra,
E por meu bem vi beleguins:
E com isto mil latins,
Como s'eu latim soubera.

E no passo derradeiro,
Me disse nos meus ouvidos,
Que o logar dos escolhidos
Era a forza e o Linoeiro:
Nem guardião de mosteiro
Não tinha mais sancta gente,
Como Affonso Valente,
O que agora he carcereiro.

DIABO.

Dava-te consolação
Isso, ou algum esforço?

ENF. C'o baraço no pescoço

Mui mal presta a prégação.

Elle leva a devação,
Que ha de tornar a jentar;
Mas quem ha de estar no ar,
Aborrece-lhe o sermão.

DIABO.

Entra, entra no batel,
Que para o Inferno has de ir.
ENF. E Moniz ha de mentir?
Dixe-me: — Com San Miguel
Irás comer pão e mel,
Como fores enforcado. —
Ora ja passei meu fado,
E ja feito he o burel.

Agora não sei que he isso:
Não me fallou em ribeira,
Nem barqueiro nem barqueira,
Senão logo ao Paraizo.
E isto muito em seu siso,
E que era sancto meu barão.
Porém não sei que aqui faço,
Ou s'era mentira isto.

DIABO.

Fallou-te no purgatorio?
ENF. Diz que foi o Limoeiro;
E ora por elle o salteiro,
E o pregão vitatorio;
E que era muito notorio
Que aquelles deciprinados
Erão horas dos finados,
E missa de San Gregorio.

DIABO.

Ora entra; pois has d'entrar,

Não esperes por teu pae.

ENF. Entraremos, pois assi vai.

DIA. Este foi bom d'embarcar.

Eia, todos apear,

Qu'está em sêcco o batel.

Vós, doutor, bota batel;

Fidalgo, saltae no mar.

Vem quatro Fidalgos, cavalleiros da Ordem de Christo, que morrêrão nas partes d'Africa, e vem cantando a quatro vozes a letra que se segue.

"Á barca, á barca segura,

"Guardar da barca perdida:

"Á barca, á barca da vida.

"Senhores, que trabalhais

"Pola vida transitoria,

"Memoria, por Deos, memoria

"Deste temeroso cais.

"Á barca, á barca, mortaes;

"Porém na vida perdida

"Se perde a barca da vida."

DIABO.

Cavalleiros, vós passais,

E não me dizeis p'ra ond'is?

1º C. E vós, Satan, presumis?...

Attentae com quem fallais.

2º C. E vós que nos demandais?

Sequer conhecei-nos bem:

Morremos nas partes d'alem;

E não queirais saber mais.

ANJO.

Ó cavalleiros de Deos,

A vós estou esperando;

Que morrestes pelejando
Por Christo, Senhor dos ceos.
Sois livres de todo o mal,
Sanctos por certo sem falha;
Que quem morre em tal batalha
Merece paz eternal.

Aqui fenece a primeira scena.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasileira Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasileira Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasileira Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasileana@usp.br).